

ANAÏS NIN
A CASA
DO INCESTO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ANAIS NIN

A CASA DO INCESTO

Tradução

ISABEL HUB FARIA
Assírio & Alvim



Tudo o que sei está contido neste livro escrito sem testemunho, edifício sem dimensão, cidade suspensa no ar.

Na manhã em que me levantei para começar este livro tossi. Algo estava a sair-me da garganta, a estrangular-me. Rasguei o cordão que o retinha e arranquei-o. Voltei para a cama e disse: Acabo de cuspir o coração.

Existe um instrumento chamado *quena* que é feito de ossos humanos. Tem origem no culto que um índio dedicou à sua amante. Quando ela morreu ele fez dos seus ossos uma flauta. A *quena* tem um som mais penetrante, mais persistente do que a flauta vulgar.

Aqueles que escrevem sabem o processo. Pensei nisto enquanto cuspia o coração. Só que não estou à espera da morte do meu amor.

A minha primeira visão da terra foi através da água. Pertença à raça de homens e mulheres que olham todas as coisas através desta cortina de mar e os meus olhos são a cor da água.

Olhava com olhos de camaleão a Face mutável do mundo e considerava anonimamente o meu ser incompleto.

Lembro o meu primeiro nascimento na água. À minha volta a transparência sulfurosa e os meus ossos moviam-se como se fossem de borracha. Oscilo e flutuo nas pontas sem ossos dos meus pés atenta aos sons distantes, sons para além do alcance de ouvidos humanos, vejo coisas que são para além do alcance dos olhos. Nasço cheia das memórias dos sinos da Atlântida. Sempre à espera de sons perdidos e à procura de perdidas cores, permanecendo para sempre no limiar como alguém perturbado por recordações, corto o ar a passo largo com largos golpes de barbatana e nado através de quartos sem paredes.

Expulsadas de um paraíso de ausência de som, catedrais ondulam à passagem de um corpo, como música sem som.

Esta Atlântida só podia ser novamente encontrada à noite pelo caminho do sonho. Logo que o sono cobria a rígida cidade nova e a rigidez do novo mundo, abriam-se os portais mais pesados deslizando em gonzos oleados e entrava-se na ausência de voz que pertence ao sonho. Era o terror e a alegria de homicídios conseguidos em silêncio, um silêncio de calhas e de escovas. O lençol de água cobrindo tudo e abafando a voz. E um monstro trouxe-me, por acaso, à superfície.

Perdida dentro das cores da Atlântida, cores que vão dar a outras e se misturam sem fronteiras. Peixes feitos de veludo, de organdi com dentes de rendas, feitos de tafetá, recamados de lantejoulas, peixes de seda e penas e plumas, com flancos laçados e olhos de cristal de rocha, peixes de couro curtido

com olhos de groselha, olhos como o branco de um ovo. Flores palpitando-lhes nas hastes como corações de mar. Nenhum deles sentindo o seu próprio peso, o cavalo-marinho movendo-se como uma pena...

Era como um longo bocejo. Eu amava a facilidade e a cegueira e as mansas viagens na água transportando-nos através de obstáculos. A água estava ali para nos transportar como um abraço gigante; havia sempre a água para nos repousar, e que nos transmitia as vidas e os amores, as palavras e os pensamentos.

Eu dormia muito abaixo do nível das tempestades. Movia-me dentro da cor e da música como dentro de um diamante-mar. Não havia correntes de pensamentos, apenas a carícia-fluxo-desejo misturando-se, tocando, afastando, vagueando - no abismo infinito da água.

Não me lembro de ali estar frio, nem calor. Nenhuma dor provocada pelo frio ou pelo calor. A temperatura do sono, sem febre e sem arrepio. Não me lembro de ter tido fome. Era-se alimentado através de poros invisíveis. Não me lembro de ter chorado.

Sentia apenas a carícia de mover-me - de passar para um outro corpo - absorvida e perdida dentro da carne de outrem, embalada pelo ritmo da água, pela lenta palpitação dos sentidos, pelo deslizar de seda.

Amando sem consciência, movendo-me sem esforço, numa corrente branda de água e de desejo, respirando num êxtase de dissolução.

Acordei de madrugada, atirada para uma rocha, esqueleto de um barco sufocado nas suas próprias velas.

A noite envolvia-me como uma fotografia descolada da moldura. O forro de um casaco aberto como duas conchas de uma ostra. O dia descolado da noite, comigo a cair entre eles sem saber em que lado me encontrava, se era à mais alta folha cinzenta fria do amanhecer ou à folha escura da noite.

O rosto de Sabina estava suspenso na escuridão do jardim. Dos olhos um vento quente desértico secava as folhas e voltava a terra do avesso; tudo o que tinha até então seguido um percurso vertical rodava agora em círculos, à volta do rosto, à volta do rosto dela. Ela olhava com olhar fixo cão antigo, séculos luxuriantes e pesados vacilavam em cortejos profundos. Da pele nacarada subiam perfumes em espiral como incenso. Cada gesto seu acelerava o ritmo do sangue e incitava a um canto batido como o bater do coração do deserto, um canto que era o som dos seus pés pisando no sangue a marca do seu rosto.

Uma voz que atravessava séculos, tão pesada que quebrava o que tocava, tão funda que suspeitei que soasse em mim com ressonância eterna; uma voz enferrujada com o som de pragas e dos gritos ásperos que brotam do delta no último paroxismo do orgasmo.

Uma capa preta que lhe pendia dos ombros como cabelos negros, meio drapeada meio flutuante à volta do corpo. O tecido de um fato que se move num momento antes de ela mesma se mover, como se tivesse consciência dos seus impulsos, e se agita ainda muito depois de ela ficar quieta, como ondas que voltam ao mar na maré baixa. As mangas caíam como um suspiro e a bainha do vestido dançava-lhe à volta dos pés.

O colar de aço brilhava na garganta como luz de verão e o som do aço era como o tinir de espadas... *Le pas d'acier*... O aço esqueleto de Nova Iorque, amortalhado em granito, sepultado em pé. *Le pas d'acier*... notas marteladas em guitarras de cordas de aço dos ciganos, nos braços de aço de cadeiras vergadas pelo seu sopro; cortinas de malha de aço caindo como granizo, barras e barragens de aço rebentando com estrondo. Colar indissolúvel, posto à volta do pescoço do mundo. Transportado por ela como um troféu extraído de máquinas roncantes para ir ao encontro do ritmo desumano da sua marcha.

A queda das palavras como folhas, os gritos-vitrais dos seus humores, a ferrugem da voz, o fumo na boca, o seu sopro no meu rosto como bafo humano embaciando um espelho.

Conversa - meias-palavras, frases que não precisavam ser completas, abstrações, campanhas chinesas que tocam com badalos envoltos em algodão, florescências de laranjas simuladas na pintura de porcelana. As meias palavras, cerradas, encobertas das mulheres de carne macia. Os homens que tinham beijado, e as mulheres; todos se purificando na ressonância da minha memória. Som dentro do som, cena dentro da cena, mulher dentro de mulher - como ácido revelador de uma escrita invisível. Uma mulher dentro de outra eternamente, num longo cortejo, dividindo-me o pensamento em fragmentos, em quartos de tom que nenhuma batuta de orquestra pode voltar a reunir.

A máscara luminosa do seu rosto, como feito de cera, imóvel, olhos sentinelas. Ela, observando o meu passo de sibarita, eu, atenta à sibilação da sua língua. Os nossos olhos prostitutas postos fundo uma na outra. Ela, era um ídolo em Bizâncio, um ídolo a dançar, de pernas afastadas; e eu escrevia com pólen e mel. O doce segredo manso de mulher que eu esculpi nos cérebros dos homens, com palavras de cobre; imagem tatuada nos olhos deles. Consumia-os a febre das suas entranhas, o indissolúvel veneno das lendas. Se esta torrente deixava de os devorar, ou se eles se libertavam por si próprios, eu povoava a sua memória com a história que eles queriam esquecer. Tudo o que há de ágil e malevolente numa mulher podia ser destruído sem compaixão, mas quem poderia destruir a ilusão em que, para dormir, a deitei todas as noites?

Vivemos em Bizâncio, Sabina e eu, até os nossos corações sangrarem das pedras preciosas das nossas frentes, os nossos corpos cansarem do peso de brocados, as narinas saturarem do fumo dos perfumes; e logo que passamos para outros séculos encerraram-nos em molduras de cobre. Os homens reconheciam-na sempre: o mesmo rosto resplandecente, a mesma voz ferrugenta. E eu e ela reconhecíamos-nos mutuamente; eu reconhecia-lhe o rosto, ela, reconhecia a minha lenda.

Colocou-me no pulso uma pulseira de aço, lisa, e o pulso passou a bater como ela quis, perdendo a cadência humana, acelerado como um selvagem em frenesim orgiástico. As lamentações de plantas, o canto duplo do vento nos nossos ossos frágeis, o estalar dos ossos remetia para a lembrança longínqua de quando, em camas de penas, o culto que inspirámos se tornou prazer.

À medida que andávamos foguetes lançavam-se dos candeeiros de rua; com um rugido de selva engolíamos a rua de asfalto, e as casas de olhos fechados e pestanas de gerânios; engolíamos os postes de telégrafo trementes de mensagens; engolíamos os gatos errantes, as árvores, as colinas, as sebes, e o sorriso labiríntico de Sabina no buraco da fechadura. O lamento da porta a abrir-se. O sorriso dela fechado. Um rouxinol debicando suaves madressilvas. Mel-sugado. Dedos plantas. A casa abria o portão-boca verde e engolia-nos. A cama flutuava.

Estava riscado o disco, quebrada a melodia. Os bocados conavam-nos os pés. Era manhã e ela era perdida. Repus as casas sobre a rua, voltei a alinhar os postes telegráficos ao longo do rio e devolvi os gatos errantes ao meio da rua. Pus as colinas no sítio. A rua saiu-me da boca como uma fita de veludo, e deixou-se ficar qual serpentina. As casas abriram os olhos. O buraco da fechadura mostrou uma curva irónica como um ponto de interrogação. A boca da mulher.

Eu transportava os seus fetiches, as marionetas, as suas cartas de ler o futuro desgastadas nos cantos como a crista de uma onda. As janelas da cidade estavam manchadas e pulverizadas com a luz da chuva e com o sangue que ela extraía de mim a cada mentira e a cada decepção. Por debaixo da pele das suas faces eu reconhecia cinzas: iria ela morrer antes que nos juntássemos em pérfida união? Olhos e mãos sentidos que só as mulheres têm.

Não existe troça entre mulheres. Cada uma se deita em paz como no seu próprio peito.

Sabina já não beijava nem homens nem mulheres. Dentro da febre da sua ansiedade, o mundo ia perdendo a sua forma humana. Estava a perder o poder humano de articular o corpo noutra corpo em plenitude humana. Ela delimitava horizontes, afogando-se em planetas sem eixo, perdendo a sua polaridade e o seu saber divino de integração, fusão. Propagava-se como a noite se propaga no universo e não encontrou nenhum deus com quem repousasse. A outra metade pertencia ao sol e ela estava em guerra com o sol e com a luz. Não podia suportar traços de luz em livros abertos, nem a orquestração de ideias tricotadas num único tema; não seria coberta pelo sol e no entanto metade do universo pertencia ao sol; ela voltaria a serpente apenas para aquele que pudesse cobrir-lhe o corpo com a sua sombra dando-lhe a alegria da fecundação.

Vem comigo, Sabina, vem para a minha ilha. Vem para a minha ilha de pimentões que crepitam em lentos braseiros, de potes de cerâmica mourisca guardando a água dourada, de palmeiras, de gatos bravos em luta, de um burro que soluça na alvorada, os pés entre os recifes de coral e anémonas-marinhas, o corpo coberto de algas longas, cabeleira de Melisande sobre o varandim da Opéra Comique, diamante inexorável de luz do dia, horas pesadas e flácidas nas sombras-violeta, rochas cor de cinza e oliveiras, limoeiros de limões suspensos como lampiões num *garden party*, rebentos de bambu em constante vibração, som macio das alpergatas, romãs explodindo sangue, o canto-flauta mouro, longo e persistente dos homens que lavram a terra, trinando, blasfemando, louvando e injuriando, lançando na terra o suor e as sementes

A tua beleza submerge-me, submerge o mais fundo de mim. E quando a tua beleza me queima, dissolvo-me como nunca, perante um homem, me dissolvera. De entre os homens eu era a diferente, era eu própria, mas em ti vejo a parte de mim que és tu. Sinto-te em mim. Sinto a minha própria voz tornar-se mais grave como se te tivesse bebido, como se cada parcela da nossa semelhança estivesse soldada pelo fogo e a fissura não fosse detectável.

As tuas mentiras, não são mentiras, Sabina. São flechas lançadas para fora da tua órbita pela força da tua fantasia. Para alimentar a ilusão. Para destruir a realidade. Vou ajudar-te: sou eu quem inventará para ti as mentiras e com elas iremos atravessar o mundo. Atrás das nossas mentiras desenrolo o fio de ouro de Ariana - porque de todas as alegrias a maior é a de voltar pelo percurso das mentiras, chegar novamente ao ponto de partida e dormir uma vez por ano livre de todas as estruturas de superfície.

Tu deixaste a tua marca no mundo, Sabina. Eu apenas o atravessei como um fantasma. Será que à noite alguém dá pelo mocho na árvore, ou pelo morcego que vem contra a janela enquanto os outros falam, ou pelos olhos que reflectem como água e bebem como mata-borrão, ou pela piedade que vacila como luz de vela, ou pelo conhecimento seguro sobre o qual as pessoas adormecem?

Será que alguém sabe quem eu sou?

Até a minha voz veio do outro mundo. Fui embalsamada nas minhas mais secretas vertigens. Estive suspensa sobre o mundo escolhendo o caminho a percorrer de modo a não pisar nem a terra nem a relva. O meu passo era um passo cauteloso; o mínimo ruído do cascalho fazia que parasse.

Quando te vi, Sabina, escolhi o meu corpo.

Vou deixar-te levar-me até à fecundidade da destruição. Por isso me atribuo um corpo, um rosto e uma voz. Eu sou-te como tu me és. Cala o fluxo sensacional do teu corpo e encontrarás em mim, intactos, os teus medos e as tuas penas. Descobrirás o amor separado das paixões e eu descobrirei as paixões privadas de amor. Sai do papel que te atribuis e descansa no centro dos teus verdadeiros desejos. Por um momento deixa as tuas explosões de violência. Renuncia à tensão furiosa e indomável. Eu passarei a assumi-las.

Pára de tremer, de te agitar, de sufocar, de amaldiçoar, e reencontra o teu fundo que eu sou. Descansa das complicações, destorces e deformações. Por uma hora serás eu; ou antes, a outra metade de ti própria. Aquela parte de ti que tu perdeste. O que queimaste, partiste, estragaste encontra-se entre as minhas mãos. Eu sou guarda de coisas frágeis e preservei de ti o que há de indissolúvel.

Nem o mundo, nem mesmo o sol podem mostrar simultaneamente ambas as faces.

Estamos portanto ligadas inextricavelmente. Apanhei e juntei todos os fragmentos. Devolvo-tos. Correste com o vento, dispersando-te e dissolvendo-te. Eu corri atrás de ti como tua sombra, recuperando tudo quanto semeaste no fundo dos cofres.

Eu sou a tua outra face

Os nossos rostos soldaram-se na doçura dos nossos cabelos, fundiram-se mostrando os dois perfis de uma mesma alma. Mesmo quando atravessava uma sala como um sopro, tornava os outros inseguros ao darem-se conta de que eu tinha passado.

Eu era a chama incolor do teu sopro, o teu sopro revolvendo o mundo. Adoptei a tua aparência visível e através de ti deixei a minha marca no mundo. Glorifiquei a minha chama em ti.

Este é o livro que tu escreveste e tu és a mulher que eu sou

Só que os nossos rostos brilham duplos - tal como o dia e a noite - sempre separados pelo espaço e pela passagem do tempo.

O fumo atirou-me a cabeça contra o tecto e aí ficou suspensa olhando com olhos de rã, cabelo de palha, boca de couro, espelhos de cabeças lisas sem cabelo, mãos peludas de macaco de palmas cor-de-

rosa. A música fez sair o passado do túmulo e as múmias flagelaram-me a memória.

Se Sabina não fosse agora mais do que uma ideia, se eu me sentasse aqui e ela nunca mais voltasse! Se eu a tivesse imaginado numa noite, só porque a droga conseguia operar pequeninas incisões e dispusera o meu corpo em fatias sobre redes de balouço persas feitas de seda e rematava a algodão cada um dos meus nervos e me trespassava por setas de rádio da fantasia.

Estou gelada e a cabeça cai-me através de uma finíssima película de fumo. Em grande angústia procuro novamente Sabina por entre a multidão sem rosto.

Estou doente da persistência de imagens, reflexos e espelhos. Eu sou uma mulher com olhos de gato siamês que por detrás das palavras mais sérias sorri sempre troçando da minha própria intensidade. Sorrio porque presto atenção ao OUTRO e acredito no OUTRO. Sou marioneta movida por dedos inexperientes, desmantelada, deslocada sem harmonia; um braço inerte, outro remexendo-se a meia altura. Rio-me, não quando o riso se adapta ao meu discurso, mas porque ele se implica nas correntes subjacentes do que eu digo.

Quero conhecer o que lá corre em baixo assim pontuado por convulsões amargas. As duas correntes não se encontram. Vejo em mim duas mulheres bizarramente ligadas uma à outra como gêmeos de circo. Vejo-as arrancarem-se uma da outra. Consigo mesmo ouvir o rasgão, a ira e o amor, a paixão e o sofrimento. Quando esse acto-deslocação de repente pára – ou quando deixo de ter consciência do som - o silêncio torna-se então ainda mais terrível uma vez que à minha volta não há senão loucura, a loucura das coisas que atraem coisas de dentro de cada um, raízes que se afastam para crescerem separadamente, tensão provocada para atingir a unidade.

Uma barra de música chega para fazer parar a deslocação por um instante; mas eis que o sorriso volta e eu percebo que ambas saltamos para dentro da coesão.

Cinzentos que não é um cinzento vulgar, mas um tecto de chumbo cobrindo o mundo como uma tampa de uma panela de sopa.

Respiração dos seres humanos que é como o vapor de água de uma lavandaria. O fumo de cigarros como uma chuva de cinzas de Vesúvio, luzes que sabem a enxofre. Cada rosto que te encara na imensidade dos seus defeitos. A pequenez de um quarto é como uma cela de ferro onde não é possível alguém sentar-se ou deitar-se. A amplitude de outros quartos é como um perigo de morte que estivesse sempre à espreita, à espera de um momento de alegria teu para te apanhar. O riso e as lágrimas não são experiências desligadas por intervalos de tempo: surgem juntos e é como se andasses com uma espada entre as pernas. A chuva não te molha o cabelo mas pinga-te nas celas do cérebro com a obstinação de uma fuga de água. A neve não gela as mãos, mas, como o éter, distende os pulmões até que eles se queimem.

Todos os navios se afundam com fogo nos porões e há fogos que crepitam nas arrecadações de cada casa. A mais branca carne do ser que se ama é a que o vidro partido irá cortar e a que a roda irá esmagar. Os longos uivos na noite são uivos de morte. A noite é o assessor dos carrascos. O dia é a luz das descobertas estridentes. Se um cão ladra é porque o homem que ama feridas profundas salta pela janela. O riso precede a histeria. Eu espero a grande queda com a espuma na boca.

Um quarto cujo tecto me ameaça como um par de tesouras abertas. Janelas de águas-furtadas. Estou na cama deitada como cascalho. Todas as conexões se vão partindo. Deixo vagorosamente cada ser que amo, vagarosa, cuidadosa, completamente. Digo-lhes o que lhes devo e o que me devem. Guardo-lhes os últimos olhares e o último orgasmo. A minha casa está vazia, inundada de sol, viva de reflexos, o seu silêncio cheio de implicações, imagens secretas que um qualquer dia me enlouquecerão na altura em que deterei de pé frente às paredes brancas, ouvindo mais do que é possível e vendo mais do que é humanamente tolerável. Deixo-os a todos. Morro num quarto-tesoura despossuída de amores e de pertenças, nem sequer constando do livro de registos do hotel. Neste mesmo instante sei que se ficasse alguns dias neste quarto uma vida completamente nova poderia começar - como a cicatrização da carne depois de uma operação. Mas mais do que o terror da morte é o receio desta vida nova que me mantém acordada. Salto da cama e saio deste quarto que me envolve como uma túnica envenenada, apoderando-se da minha imaginação, corroendo-me a memória de tal modo que em sete tempos terei esquecido quem sou e quem amei.

Era o quarto número 35 onde na manhã seguinte poderia ter acordado louca ou puta.

Parte-se o desejo que tinha esticado os nervos e cada nervo parece partir-se um por um, em cadeia, provocando incisões, onde ácido corria em vez de sangue. Torço-me dentro da minha própria vida, à procura de um caminho livre para as lágrimas fundidas, para dissolver o sofrimento num caldeirão de palavras onde todos os que procuram nomes para o seu próprio sofrimento pudessem cair. Que enorme caldeirão estou nesta altura a mexer; grandes bocarras estou agora a alimentar de ácido, palavras suficientemente amargas para queimarem toda a amargura.

Quebre-se a crosta amarela da terra e o mar levantar-se-á. Anémonas do mar voarão sobre o meu leite e os navios já mortos acabarão as suas travessias no meu jardim. Exorcisme-se os demónios que dão horas à noite na minha cabeça quando tudo o que se conta deveria ser suspenso; se dão horas é porque sabem que nos meus sonhos faço batota com os séculos.

Deve-me ser contada uma hora em desfavor. Ouvei os alaúdes trazidos da Arábia e senti nos seios correntes do fogo líquido que corre nos quartos do Alhambra e me repousam das águas demasiado límpida. A cor demasiado límpida do amor dividido, amor dividido...

Eu estava num navio de safras e navegava em mares de coral. De pé, na proa, cantava. O meu canto insuflava as velas e rasgava-as e onde se via o rasgão notava-se que tinha sido queimado, e as nuvens tornavam-se também farrapos com a minha voz.

Vi uma cidade onde cada casa se erguia na rocha entre mares negros que serpentes-violeta enchiam de alarmes sibilantes lambendo rochas e olhando com olhos de bolbo por sobre os muros do jardim.

Vi a palmeira de vidro balançar a meus olhos; na minha ilha as palmeiras eram estáticas e poeirentas quando as vi mortas de dor. Folhas verdes murcharam por mim e todas as árvores pareciam de uma irresponsabilidade vítrea, somente a palmeira de vidro fizera crescer uma folha nova no ponto mais alto, clímax da sua cabeça.

O carreiro branco brotava do coração da casa branca ladeada de cactos eriçados longos-dedos peludos imóveis ao vento e sem idade. Por cima destes cactos sem idade, tremiam rebentos de bambu, que muito juntos eram perpetuamente movidos pelo vento.

A casa tinha a forma de um ovo, o chão estava coberto de algodão e não havia janelas; dormia-se no andar de baixo e ouvíamos através da concha o som do realejo e do vendedor de maçãs que não conseguia encontrar a campainha.

Imagens - que trazem a dissolução da alma no corpo como a ruptura o ácido-doce do orgasmo. Imagens que sacodem o sangue e formam inúteis a futura vigilância do espírito e a desconfiança face aos êxtases perigosos. A realidade afogara-se e a fantasia sufocava cada uma das horas do dia.

Agora nada parece verdadeiro a não ser a morte do peixe dourado que costumava fazer amor na piscina a noventa kms à hora. A criada deu-lhe sepultura cristã. Entregou-o aos vermes. Aos vermes!

Flutuo novamente. Todos os factos, as palavras, todas as imagens, os presságios me sobrevoam e troçam uns dos outros. O sonho! O sonho! Sempre que pretendo traí-lo o sonho atravessa-me como o som de um sino gigante de cobre. Roça-me como asas de morcego assim que abro os olhos humanos e procuro viver fora do sonho. Sempre que o sofrimento humano me atinge e a raiva me corrói, necessito, necessito sempre depois de crucificada, no terror da minha ascensão. A partida divina. A queda. Depois do choque doloroso a queda no escuro e depois do sofrimento a partida divina.

O peso, oh o tremendo peso da cabeça puxada pelas nuvens e balançada no espaço, o corpo como um punhado de palha, o cabelo arrastado pelas nuvens como uma *écharpe* apanhada numa roda de *charrette*, corpo oscilante, esbarrando contra estrelas-lanternas, nuvens que me arrastam pelo mundo.

Não paro nem consigo descer. Ouço o rebrantar das ondas, dos céus e das cortinas, ouço o quebrar de folhas, a respiração do ar, o choro dos recém-nascidos, a pressão do vento.

Ouço o movimento das estrelas e dos planetas, o mais leve rangido de ferrugem, sempre que mudam de posição. A passagem sedosa das radiações o sopro de círculos rodando.

Ouço o passar de mistérios e o respirar de monstros. Só acordes perfeitos ou sussurros. O choque com a realidade obscurece-me a visão e submerge-me no sonho. Sinto a distância como uma ferida. A distância desenrola-se diante de mim como um tapete, posto antes dos degraus da catedral por casamento ou enterro. Desenrola-se como uma noiva vermelha entre os outros e eu, mas não consigo pisá-la sem um sentimento de desconforto como o que se tem nas cerimónias. A cerimónia de pisar a tapete desenrolado até ao interior da catedral onde têm lugar os ritos a que sou estranha. Não caso nem morro. E a distância da multidão entre os outros e eu, não pára de aumentar.

Distância. Nunca avancei pelo tapete até às cerimónias. Até à plenitude da vida da multidão, até à música autêntica e até ao cheiro dos homens. Nunca assisti a casamentos nem a enterros. Para mim tudo teve lugar na solidão do campanário com o som ensurdecido dos sinos apelando com vozes de ferro, ou na cave onde roia juntamente com os ratos as velas e o incenso armazenados.

Não posso ter a certeza de nenhum acontecimento ou lugar a não ser da minha solidão. Diz-me pois o que as estrelas contam de mim. Será que Saturno tem olhos de cebola que não param de chorar? Mercúrio tem penas de galinha nos calcanhares? Marte usa uma máscara de gás? Os Gémeos, gémeos desdobrados, será que se desdobram continuamente ao rolares num espeto, Gémeos à *la broche*?

Há no meu olhar uma ruptura por onde a loucura sempre escoo.

Debruça-te sobre mim na cabeceira da minha demência e depois deixa-me de pé sem muletas.

Sou uma mulher louca a quem as casas piscam o olho e oferecem a hospitalidade dos seus ventres.

De todos os lados o sentido das coisas abre um olhar sobre mim, como um ente fantástico enorme e subjacente. O sentido emerge de caminhos húmidos e de faces sombrias, debruça-se nas janelas de casas estranhas. Reconstruo constantemente a imagem de uma coisa que perdi para sempre e que não posso esquecer. Agarro nas esquinas os cheiros do passado e tenho consciência dos homens que vão nascer amanhã. Por detrás das janelas ou há inimigos ou adoradores. Nunca neutralidade ou passividade. Sempre a intenção e a premeditação. Até as pedras têm para mim linguagem druídica.

Caminho à frente de mim própria na espera perpétua de milagres.

Estou presa na engrenagem das minhas mentiras, e quero absolvição. Não posso dizer a verdade por ter sentido as cabeças de homens no meu peito. A verdade seria condição de morte e eu prefiro os contos de fadas. Estou embrulhada em mentiras que não me penetram a alma. Como se as mentiras que digo fossem vestes. A concha-mistério pode durante a noite quebrar e crescer novamente. Mas no momento em que entro na conversa das minhas mentiras caio na escuridão. Vejo um rosto que me olha com olhar vesgo.

Lembro o frio que em Júpiter faria gelar o amoníaco e os cristais de amónia de que saíram anjos. Anéis de amoníaco e metano circundando Urano. Lembro os tornados de metano inflamável em Saturno. Em Marte lembro a vegetação parecida com os arbustos do Peru e da Patagónia, vegetação vermelhocré, férrea, musgo e líquenes. Ferro suportando argila e rochas de areia vermelhas. A luz tinha som e o sol era uma orquestra.

Olhos dilatados, nobre pelo de raça, boca voluntariosa. Jeanne, toda coberta de peles, fartas pestanas, caminhando de cabeça alta, nariz no ar, olhos nas estrelas, avançando qual imperatriz arrastando a sua perna coxa. Os olhos acima do nível dos homens, enquanto arrasta atrás do corpo alto a perna inerte como uma esfera agrilhoadada de um prisioneiro.

Prisioneira na terra, apesar do seu desejo de morrer.

Uma perna que se arrasta de modo a permanecer na terra, uma pesadíssima perna sem vida transportada por ela como uma esfera de ferro de um prisioneiro. Enquanto a sua voz baixa cantava os dedos pálidos, sombreados por nervos, torturam a guitarra, castigam e torcem as cordas na sua timidez; por detrás do canto, a sede, a fome, os medos. Ao afinar a guitarra, nas contorções das chaves, uma corda quebra-se e os olhos enchem-se de horror como se fosse o universo que quebrassem.

Cantou e riu: Amo o meu irmão. Amo o meu irmão. Quero cruzadas e martírio. O mundo é demasiado pequeno para mim.

Lágrimas salgadas de derrota cristalizaram nos cantos dos olhos inquietos.

Só que eu nunca choro.

Agarrou num espelho e olhou-se com amor

Narciso contemplando-se em espelhos Lanvin. Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, a cavalo, atravessando o bosque. Tragédia que rola sobre pneus de cordas.

O mundo é pequeno demais. Estou cansada de tocar guitarra, fazer malha, passear, parir crianças. Os homens são pequenos e as paixões são curtas. Irritam-me as escadas, as portas, as paredes, irrita-me o dia a dia que interfere na continuidade do êxtase.

Existe pois o martírio - tensão, febre, da continuidade da vida - firmamento em perpétuo movimento e brilho total.

Nunca se viram estrelas empalidecer ou cair. Nunca adormecem.

Sentou-se e olhava-se num espelho de mão procurando uma pestana que lhe tinha entrado para o olho.

Casei com um homem que nunca tinha visto uns olhos pintados a chorar - disse Jeanne - acontece que chorei no dia do casamento. Ele olhou para mim e viu uma mulher que vertia enormes lágrimas pretas, verdadeiras lágrimas pretas. Assustou-o ver-me chorar lágrimas pretas na noite do casamento. Quando ouvi os sinos tocar achei-os excessivamente barulhentos, ensurdeciam-me. Senti que iria começar a chorar sangue, tanto os meus ouvidos me doíam. Tossi porque o barulho era enorme e terrível como no tempo em que me encontrava perto dos sinos de Chartres. Ele dizia que os sinos não tocavam tão alto, mas eu ouvia-os tão perto que não podia ouvir-lhe a voz e o barulho parecia martelar-me a carne. Pensei que os ouvidos iam rebentar. Uma a uma, cada célula do meu corpo se põe a explodir, dentro do enorme estrondo a que não conseguia escapar. Tentei fugir dos sinos. Gritei: não deixem os sinos tocar! Só que eu não conseguia fugir porque o som me envolvia e penetrava, o coração pulsando como enormes batentes de ferro, as artérias batendo como címbalos, a cabeça batendo contra o granito, e um martelo atingindo a veia nas minhas têmporas. Explosões de som sem percussão que faziam explodir-me as células, o eco, o som e a quebra desdobravam-se em eco, atingiam-me mais e mais até que os nervos se torceram e crisparam dentro de mim, se quebraram e rasgaram no gongo, até que a carne se contraiu e crispou de dor e o sangue brotou dos meus ouvidos e não pude suportar mais... Não pude suportar mais estar no meu próprio casamento, não pude suportar mais ser casada com um homem porque AMO O MEU IRMÃO.

Chocalhou as pesadas pulseiras indianas; acariciou as garrafas azuis do oriente e estendeu-se de novo.

Sou a mulher mais cansada do mundo. Fico cansada assim que me levanto. A vida requer um esforço de que me sinto incapaz. Por favor passa-me esse livro pesado. Preciso de pôr qualquer coisa pesada sobre a cabeça. Necessito constantemente de pôr os meus pés sob almofadas para que consiga continuar na terra. De outro modo sinto-me partir, partir a uma velocidade tremenda, tão leve me sinto. Sei que estou morta. Logo que pronuncio uma frase a sinceridade morre e torna-se numa mentira cuja frieza me gela. Não me digas nada, vejo que me entendes, mas tenho receio dessa compreensão, tenho medo de encontrar alguém semelhante a mim e ao mesmo tempo desejo-o. Sinto-me tão definitivamente só, mas tenho tanto medo que o isolamento seja violado e eu não seja mais o cérebro e a lei do meu

universo. Sinto-me no grande terror do teu entendimento, meio por que penetras no meu mundo; e que, sem véus, tenha então que partilhar o meu reino.

Mas o medo da loucura, Jeanne, só o medo da loucura nos levará a ultrapassar as fronteiras invioláveis da nossa solidão. O medo da loucura destruirá os muros da nossa casa secreta e projectar-nos-á no mundo à procura de contactos ardentes.

Os mundos autoconstruídos e alimentados em si próprios estão cheios de fantasmas e de monstros.

Conheço apenas o medo, é verdade, tanto medo que me sufoca, que me deixa a boca aberta mas sem fôlego, como alguém a quem falta o ar; ou noutras alturas, deixo de ouvir e fico subitamente surda para o mundo. Bato os pés e não ouço nada. Grito e não percebo nem mesmo um pouco do meu grito. E também às vezes, quando estou deitada o medo volta a assaltar-me, o terror profundo do silêncio e do que poderá sair desse silêncio para me atingir e bata nas paredes das minhas têmporas, um grande, sufocante pavor. Eu então bato nas paredes, no chão, para acabar com o silêncio. Bato, canto, assobio com persistência até mandar o medo embora.

Sempre que me sento em frente de um espelho troço de mim própria. Escovo o cabelo. Vejo dois olhos, duas longas tranças, dois pés. Olho-os como se fossem dados num copo, à espera de que os sacuda, para que ao saírem se tornem EU

Não sei dizer como todas essas peças separadas conseguem ser EU. Eu não existo. Não sou um corpo. Quando estendo a mão a alguém, sinto que a outra pessoa está longe, como se estivesse noutra quarto, e que a minha mão também lá está. E quando me assô receio que o meu nariz fique no lenço.

Voz-melro cantante. Sombra da morte correndo atrás de cada palavra para as fazer secar antes que as acabe de dizer.

Quando o meu irmão se sentou ao sol e a sombra do seu rosto ficou projectada nas costas da cadeira, beijei a sua sombra. Beijei a sua sombra e esse beijo não o tocou, beijo perdido no ar, fundido na sombra.

O amor de um pelo outro é como uma extensa sombra que se beija, sem qualquer esperança de realidade.

Ela levou-me à casa do incesto. Era a única casa que não estava incluída entre as 12 casas do Zodíaco. Não se podia atingi-la nem pela *via láctea* nem pelo barco de vidro cujo casco transparente permite seguir os contornos dos continentes perdidos, nem seguindo as setas que apontam a direcção do vento, nem seguindo a voz dos ecos das montanhas.

Os quartos estavam encadeados por degraus - nenhum quarto estava ao mesmo nível que outro - e os degraus estavam profundamente desgastados. Havia janelas entre os quartos - pequenas janelas - olhos de espião. Podia-se assim falar no escuro de quarto para quarto, sem que visse o rosto da outra pessoa. Os quartos estavam cheios de um ritmo ondulante de mar que vinha de inúmeras conchas. As janelas davam para um mar inerte onde tinham colado peixes imóveis. ; Tudo na casa do incesto tinha sido feito para ser imóvel, uma vez que todos tinham medo do movimento e do calor e receio de que o amor e a vida desaparecessem e se perdessem.

Tudo tinha sido feito para ser imóvel e tudo se decompunha. O sol pregava-se no tecto do céu e a lua fora colocada no seu nicho oriental.

Na casa do incesto existia um quarto que ninguém conseguia encontrar, um quarto sem janela, fortaleza dos seus amores, um quarto sem janela onde o espírito e o sangue se misturavam numa união sem orgasmo e sem raízes como a dos peixes. Numa promiscuidade de olhares e de palavras, encontrando-se como faíscas no espaço. Choque entre semelhantes, espalhando o seu odor de tamariz e areia, de conchas em decomposição e algas moribundas, amor-tinta de polvo, festim de venenos.

Tropeçando de quarto em quarto cheguei à sala das pinturas onde encontrei Lot acariciando os seios de sua filha enquanto atrás deles a cidade se consumia em chamas, se abria e caía no mar. Ali onde estava sentado com a sua filha o tapete oriental era vermelho e duro, mas o tormento que os agitava exprimia-se nas imagens das rochas que abriam à sua volta, na terra rugindo debaixo dos pés, nas árvores que ardiam como tochas, no céu-fumo e tornado vermelho, tudo ruindo no prazer e no terror do seu amor. Prazer de mão de um pai no seio de filha, prazer medo que a atingia. Um fato tão estreitamente cingido à volta do corpo que os seus seios se erguem e aumentam sob os dedos, enquanto a cidade se rende aos clarões e faísca sob dentes de fogo, enormes blocos de uma cidade afundando-se no horror da obscenidade, atirados ao mar com a urgência dos para sempre condenados. Nem um só grito de horror veio de Lot ou de sua filha mas da cidade em chamas, de um desejo insatisfeito de pai e filha, de irmão e irmã, de mãe e de filho.

Olhei para um relógio de modo a encontrar a verdade. As horas passavam como peças de xadrez feitas de marfim, estridentes notas de piano, minutos correndo a fio como soldadinhos de chumbo. Horas feitas mulheres-ébanos como gongos entre as pernas, soando tão continuamente que as não podia contar. Ouvi soar o bater do coração. Ouvi os passos dos meus sonhos no meio dos quais se vinham dissolver os movimentos rítmicos do tempo, como a própria face da verdade.

Cheguei através de uma floresta de árvores decapitadas, mulheres esculpidas em bambu, carnes flageladas como a dos escravos numa escravidão sem prazer, faces divididas em duas pela faca do escultor, mostrando duas faces para sempre separadas, eternamente duas, e tive eu que deslocar-me para descobrir a mulher completa.

Figuras truncadas, onze faces, onze ângulos, de madeira frágil e venal, fragmentos de corpos, sem braços e sem cabeças. Um torso-tubérculo, calcanhar de Aquiles, tubérculos e excrescências, pé de múmia de madeira podre, madeira dócil e venal esculpidas em contorções humanas. É preciso que a floresta chore e se dobre como ombros de homem, figuras mortas dentro de árvores vivas. Floresta agora animada de rostos - intelecto, contorções de espírito. Árvores desviando em homem e mulher, bi-faces, tornando-se nostálgicas ao mexer das folhas. Árvores que se deitam, troncos luzentes, floresta sacudida de uma revolta tão amarga que eu ouvia gemer dentro da sua mais profunda consciência vegetal.

Chorando a perda das folhas e o fracasso da sua transmutação.

Mais longe há uma floresta de gesso branco, ovos de gesso branco. Grandes ovos brancos servidos em discos de prata, elegia ao nascimento, cada ovo uma promessa, cada nascença ainda imprecisa de um meio-forma de homem ou mulher ou animal. Matriz-semente-ovo, começo húmido que mais do que ser

flor é objecto de culto. Ovos tão brancos, tão tranquilos, deram origem a uma esperança sem quebra, mas o tronco de árvore, que ali jazia, produziu um ramo verde e vivo que troçou do escultor.

Jeanne abriu todas as portas e procurou em todos os quartos. Em cada quarto, o hóspede, apanhado de surpresa, abria os olhos espantado. Ela pedia-lhes: “Por favor pendurem qualquer coisa à janela, um xaile, ou um lenço de cor, ou um tapete. Vou até ao jardim. Quero ver quantas janelas podem ser notadas. Com alguma sorte poderei encontrar o quarto onde o meu irmão se esconde de mim. Perdi o meu irmão. Peço-vos, ajudem-me cada um de vós.” Retirou cobertas das mesas, uma cortina vermelha, uma colcha coral, um painel chinês e ela própria os pendurou à janela.

Depois correu para o jardim de árvores mortas pelos caminhos de lava e mica e todos os minerais se queimaram à passagem, a moscovite, límpida como uma noiva, a pirite, sílica de água, cinábrio, a azurite, fragmento do benéfico Júpiter, a malaquite, todos uns contra os outros amalgamados, jóias que se misturam, planetas que se fundem, alterados pelo ar e sol, tempo e espaço, misturados em imobilidade mineral, que é a imobilidade do medo da morte e do medo da vida.

Secaram as sementes no silêncio da rocha e mineral. As palavras que não chegamos a gritar, as lágrimas retidas, as pragas que se engolem, a frase que se encurta, o amor que matamos, tudo isso transformado em minério magnético, em turmalina, em ágata, o sangue congelado em cinábrio, sangue calcinado tornado galena, oxidado, alumalizado, sulfatado, calcinado, o brilho mineral de meteoros mortos e sóis exaustos numa floresta de árvores secas e desejos mortos.

De pé numa colina de feldspato com nódos de topázio e de prata nas mãos, ela olhou a fachada da casa do incesto, essa fachada ferrugenta da casa de incesto e reparou que havia uma janela com persianas bem fechadas e ferrugentas, uma janela sem luz como um olho mono, preenchida pelo longo braço peludo de uma hera velha.

O desejo de não gritar fê-la tremer, esforço tão imenso que a manteve estática, o sangue imperceptível na palidez dourada do seu rosto.

Lutou contra a chegada da morte: não amo ninguém; não amo ninguém, nem sequer o meu irmão. Não amo nada para além desta ausência de dor, neutra e fria ausência de dor.

Imóvel por muitos anos, entre o momento em que perdera o irmão e o momento em que olhava a fachada da casa do incesto, movendo-se em círculos infundáveis pelas esquinas dos sonhos, nunca chegando ao fim de uma viagem, só morrendo, apreendeu o maravilhoso na rocha, sem tempo da dor.

E encontrou o irmão adormecido entre os quadros.

Adormeci entre os quadros, Jeanne, onde por muitos dias poderia sentar-me a adorar o teu retrato. Jeanne, eu apaixonei-me pelo teu retrato porque ele não iria nunca mudar. Jeanne, eu tenho medo de te ver envelhecer; eu apaixonei-me por um tu inalterável que nunca me poderá ser retirado. Desejei que morresses para que ninguém te pudesse tirar de mim e eu amaria o teu retrato, imagem que terás eternamente.

Inclinaram-se diante de apenas parte deles próprios - a semelhança.

Boa noite irmão!

Boa noite Jeanne!

Com ela caminhavam sombras esguias, estigmatizadas pelo medo. Transportavam o seu pacto como uma jóia sobre o peito; usavam-na com o mesmo orgulho com que se usa um brasão.

Reentrei no meu próprio livro à procura de paz.

Era noite e fiz um movimento descuidado dentro do sonho; virei bruscamente de mais a esquina e choquei contra a minha loucura.

Foi uma visão demasiada, isto de ver desenrolar uma tragédia num abrir e fechar de olhos, constituindo um crime no quarto contíguo, homens e mulheres que antes de mim tinham amado na mesma cama de hotel.

Passo as esponjas brancas do conhecimento sobre as cordas dos meus nervos.

À medida que passo para dentro do meu livro sou cortada por estilhaços, dentes de vidro e garrafas partidas, onde ainda há vestígios de cheiros de espuma e de perfume.

Mais páginas foram acrescentadas ao livro, páginas que lembram o vaivém de um prisioneiro num espaço fechado. O que é que me é restrito dizer? Apenas a verdade disfarçada de conto de fadas e este é o conto onde todas as verdades têm olhar fixo como se estivessem por detrás de janelas de grades de um mosteiro. Com véus. Assim que pisei a caverna das minhas mentiras entrei nas trevas e o que vejo é uma máscara que me olha com o olhar de um vesgo; estou no entanto envolta em mentiras que me não penetram a alma como se as mentiras que eu digo me servissem de veste.

As mentiras criam solidão

Saio do meu livro e passo ao quarto do paralítico.

Ele estava sentado, rodeado de inúmeros objectos protegido por uma redoma de vidro como num museu. Tinha consigo uma caixa de tintas que nunca encetara e milhares de livros por abrir cobertos de pó. A capa pousada nos ombros de um manequim, a viola deixada com as cordas partidas como cabelo em desordem. Estava diante de um caderno de folhas brancas e dizia:

Engulo as minhas próprias palavras. Rumino e rumino tudo até que se deteriore. Cada pensamento e cada impulso é mastigado até que se transforme em nada. Quero controlar todos os meus pensamentos de uma vez, mas eles fogem em todas as direcções. Se o conseguisse seria capaz de capturar os espíritos mais subtis, como um cardume de pequenos peixes de água doce. Poderia revelar inocência e duplicidade, generosidade e cálculo, medo, cobardia e coragem. Pretendo dizer toda a verdade e não consigo dizer toda a verdade porque, para isso, teria de ser capaz de escrever quatro páginas simultaneamente, quatro longas colunas simultâneas, quatro páginas resultando numa, e essa é a razão porque não escrevo nada. Teria para isso de escrever em reverso, voltar atrás constantemente para agarrar os ecos e os acordes.

A pele dele era transparente como a de um recém-nascido e os olhos eram verdes-musgo.

Curvou-se perante Sabina, perante Jeanne e perante mim; conheçam o novo Cristo, crucificado nos seus próprios nervos, por todos os nossos pecados neuróticos.

O novo Cristo limpou o suor que lhe corria no rosto, como se, ali sentado, estivesse na agonia de uma tortura secreta, traços marcados de dor. Olhos demasiado abertos, dilatados por cenas de terror. Pálpebras pesadas de uma fadiga pesada como o mundo. Sentado na cadeira como se fantasmas estivessem a seu lado. Sorriso lançado insulto. Lábios atados e ressequidos pela espuma negra da droga. Corpo tenso como arame.

Eu disse: - naquilo que escrevemos somos irmãos. A velocidade da vertigem é a mesma para ambos. Chegamos ao mesmo tempo ao mesmo ponto, coisa que não acontece aos pensamentos dos outros. A linguagem-nervos de que fazemos uso torna-nos irmãos na escrita.

O novo Cristo declarou: nasci sem pele. Um dia sonhei que estava nu num jardim e que cuidadosa e completamente me tiravam a pele como a um fruto. Não ficou nem um resto de pele no meu corpo. Foi toda mas toda retirada com cuidado e só depois me disseram para andar, viver e correr. A princípio movimenteimei-me devagar, o jardim era tremendamente macio e eu sentia de uma forma precisa o jardim-doçura, não na superfície do corpo, mas atravessando-me o ar doce e os perfumes, como agulhas penetrando todos os meus poros em sangue. Todos os poros estavam abertos e respiravam calor, doçura e cheiros. O corpo totalmente invadido, penetrado, reagindo, a mais pequena célula e poros vivos respirando e tremendo com prazer. Gritei de dor. Corri. E ao correr o vento chicoteava-me e as vozes das pessoas eram chicotes dirigidos a mim. Ser tocado! Acaso sabem vocês o que é ser tocado por um ser humano?

Ele limpou a cara com o lenço.

O parálítico ficou-se a um canto do quarto.

Tens sorte, disse este, por sentires tanto; eu desejaria sentir tudo isso. Estás pelo menos vivo para a dor enquanto eu...

Virou a cara, e neste momento reparei nas veias que lhe vibravam na testa, vibrações-esforço, esforço interior a que nem a sua língua nem o seu corpo nem mesmo os seus pensamentos obedeceriam.

Se ao menos todos pudéssemos fugir desta casa do incesto onde mais não fazíamos do que amarmo-nos no outro, se ao menos eu vos pudesse salvar de vós próprios, disse o novo Cristo.

Mas nenhum de nós aguentava passar pelo túnel que ligava a casa ao resto do mundo, no outro lado dos muros, aí onde existiam folhas nas árvores, onde há água correndo à beira dos caminhos, aí onde há luz e alegria.

Não podíamos acreditar que aquele túnel desembocasse na luz; teríamos de ficar presos novamente nas trevas; teríamos de voltar para onde partíramos, vindos da escuridão e da morte.

O túnel tornar-se-ia estreito e baixo à medida que progrediríamos; fechar-se-ia à nossa volta, apertar-nos-ia mais e mais até nos sufocar. Tornar-se-ia pesado e estreito e acabaria por nos esmagar

Sabíamos contudo que para lá da casa do incesto reinava a claridade do dia mas nenhum de nós poderia atravessá-la.

Olhávamos agora a dançarina que ocupava o centro da sala numa dança de mulher sem braços. Dançava como se fosse surda e não pudesse seguir o ritmo da música. Dançava como se não pudesse ouvir o som das castanholas. Dança isolada e separada da música, de nós, da sala, da vida. As castanholas soavam como passos de fantasmas.

Ela dançava, rindo e suspirando e respirando tudo a seu favor. Dançava os seus medos, parando no meio de cada dança para atender a críticas que não podia ouvir ou para se entregar ao aplauso que não tínhamos feito. Ouvia música que não podíamos ouvir movida por alucinações que não tínhamos.

Os braços foram-me tirados, cantava. Fui punida por abraçar. Abracei. Prendi todos os que amei. Prendi nos momentos mais belos da minha vida. Fechei nas mãos a plenitude de cada hora. Os braços apertados no desejo de abraçar. Quis abraçar a luz, o vento, o sol, a noite, o mundo inteiro e quis retê-los. Quis acariciar, curar, embalar, aclamar, envolver, cercar.

Forcei-os e prendi de tal modo que se partiram; partiram de mim. Tudo passou então a evitar-me. Estava condenada a não prender.

A tremer agitada ficou a olhar para os braços agora estendidos diante dela.

Olhou as mãos tão apertadas e abriu-as devagar, tão completamente como Cristo; abriu-as num gesto de abandono e de dádiva; era a renúncia, o perdão, abrir os braços, abrir as mãos, deixando as coisas seguirem o seu curso.

Eu não soube suportar a passagem das coisas. Tudo o que flui, tudo o que passa, tudo o que mexe sufoca e enche-me de angústia.

E ela dançava; dançava na música com o ritmo dos ciclos da Terra, voltava-se ao voltar-se a Terra, disco, virando todas as faces, ora para a luz ora para o escuro, dançando em direcção à luz do dia.

BREVE NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Anais Nin nasceu em 1903 em Neully-sur-Seine, filha do pianista espanhol nascido em Cuba, Joaquín Nin y Castellanos e da cantora dinamarquesa Rosa Culmell. Desde os onze anos que escreveu continuamente o seu diário até 1977.

Em 1932 conhece Henry Miller em Paris. Desse encontro nascerá uma célebre relação amorosa (parcialmente descrita em *Henry e June*) e intelectual. Anais Nin escreve o prefácio para o livro de Miller *Trópico de Câncer* e ambos escrevem *Contos Eróticos*. Alguns aspectos da intensa vida da escritora americana acabam por ser revelados em 1992, pela edição do volumoso “diário inexpurgado” referente a 1932-1934 editado sob o título *Incesto* (Ed. Presença, 1993). De facto, os textos anteriormente publicados, os do *Diário* de 1966, haviam sido expurgados de nomes de personagens vivos e de certas intimidades, privilegiando a estética literária.

Para além dos referidos volumes diarísticos a que agora se promete juntar mais páginas antes omitidas, Anais Nin publicou em 1944 *Debaixo de Uma Redoma*, *Os Espelhos no Jardim*, em 1946, *Uma Espia na Casa do Amor* (1954) e *Sedução do Minotauro* (1961). *A Casa do Incesto* foi primeiramente editado em 1936. O tema do incesto é neste livro, como no atrás referido “diário inexpurgado” sob o sugestivo título *Incesto*, uma das principais obsessões de Anais Nin. Era muito nova quando seu pai Joaquín Nin, um Don Juan e excelente pianista, deixou a sua mãe e casou com uma das suas alunas. Anais Nin acusou particularmente esta separação como o demonstram as primeiras cartas do diário de 1914, sob a forma de cartas suplicantes de uma menina de onze anos que pede ao pai que regresse a casa. No entanto, e ao contrário da restante família, nunca condenará o pai, mantém antes com ele uma relação ambivalente conforme é demonstrado no livro *Incesto*. O pai procurou seduzir a filha como cúmulo do seu marialvismo. E ela exerce a sua sedução sobre o pai para deixá-lo depois, vingando-se por ter sido abandonada aos 9 anos. Anais Nin morreu em Los Angeles em 1977.